



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**



ANGÉLICA SILVA DE ARAÚJO

**CINEMA E FILOSOFIA: Uma perspectiva de filosofar segundo o método de
Julio Cabrera**

Parnaíba-PI
2024



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**



**CINEMA E FILOSOFIA: Uma perspectiva de filosofar segundo o método de
Julio Cabrera**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Piauí em cumprimento
às exigências para a obtenção da graduação em
Licenciatura em Filosofia.

Autora: Angélica Silva de Araújo
Orientador: Prof. Dr. Leandro de Araújo Sardeiro

Parnaíba-PI
2024

RESUMO

Neste artigo temos o intuito de apresentar o problema do ensino filosófico e discutir uma possível alternativa para este cenário, visto que, ao olharmos para a educação baseada no sistema tradicional, pautado por leituras e interpretações de textos, percebemos um distanciamento entre “praticar o filosofar” e “compreender os conteúdos e problemáticas da história da filosofia”. Uma abordagem de ensino conteudista colabora negativamente para a formação do pensamento autônomo dos educandos, tendo em vista que os estudantes passam de produtores do conhecimento a meros espectadores, apenas observando, repetindo e se moldando aos aprendizados transmitidos. Em face dessa situação, encontramos nas pesquisas do pensador Julio Cabrera uma possibilidade de pensar a filosofia por outras formas, mediante o uso do que ele chama de “método-experiência”. Isso possibilita o desenvolvimento de concepções filosóficas não feitas exclusivamente por análises textuais, mas a partir das particularidades e vivências dos discentes. Embora Cabrera não estivesse preocupado com a conjuntura da filosofia nas escolas, observamos no seu método uma possível contribuição alternativa ao ensino, para que possamos sair dos campos arbitrários e envolver os educandos em um “ensino prático”, filosofando com o Cinema. Considerando as produções cinematográficas como pontos de reflexões para os debates, as artes cênicas conseguem atingir o imaginário, a sensação, os sentimentos e a racionalidade dos estudantes. Neste trabalho, vamos discorrer sobre os filmes como instrumento para filosofar, bem como sua multiplicidade de conhecimentos, trabalhando este mecanismo de informação como alternativa de filosofar e aprender filosofia através das experiências dos envolvidos.

Palavras-chaves: Ensino de Filosofia; Método-experiência; Educação tradicional; Emancipação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 ENSINO TRADICIONAL.....	7
3 MÉTODOS DE FORMAÇÃO SEGUNDO JULIO CABRERA	9
4 UMA POSSIBILIDADE DE TRABALHO COM O “MÉTODO-EXPERIÊNCIA”	10
5 O CINEMA E O ENSINO	12
6 O CINEMA E A FILOSOFIA	14
7 PRÁTICA DOS FILMES NAS AULAS	16
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	18

1 INTRODUÇÃO

Discutindo a questão educacional, em específico, tratando-se de filosofia, o ensino se fundamenta em aprendizados sistemáticos, conteudistas, baseados na exegeses de textos, em que o incentivo à prática de filosofar, bem como ao desenvolvimento de concepções próprias, continua sendo algo desafiador, mesmo no século da tecnologia e da informação. Em vista dessa conjuntura, encontramos nos estudos do pensador argentino Julio Cabrera uma possibilidade de aprender e discutir filosofia por outros meios, distinto do método tradicional no âmbito escolar, com o objetivo de trabalhar as ideias e vivências, além de proporcionar um conhecimento transformador e produtivo para com os educandos.

Tal pensador não estava preocupado particularmente com o ensino de filosofia nas escolas, mas sim em situar-se no pensar e fazer filosofia nos cursos superiores de formação filosófica. Apesar disso, vimos em seus estudos uma contribuição a essa questão, ao ponderarmos sobre a problemática de evidenciar os conhecimentos filosóficos aos discentes. Na sua discussão, Cabrera busca consolidar dois métodos diferentes de trabalho, com a finalidade de classificar as metodologias de ensino para a formação em Filosofia, a saber: o “método-conhecimento” e o “método-experiência”. O primeiro método nos remete à leitura e interpretação textual. É aquele em que prevalece nas aulas as análises de problemas já dados, e o estudo sucessivo de pensadores da tradição filosófica. Embora reconheça que os trabalhos destes sejam fundamentais para que se possa discorrer sobre as complexidades sociais, culturais, políticas e de natureza humana, Cabrera faz alusão ao modo como ele se materializa, sendo, pois, feito de assuntos repetitivos e passivos de críticas. Em contrapartida, o “método-experiência” diz respeito ao reconhecimento das experiências particulares e cotidianas dos discentes como práticas filosofantes. O estudante não “reproduz” a Filosofia; ele a desenvolve, a partir das suas próprias perspectivas. Em face dessa circunstância, pensamos na possibilidade de utilizarmos as produções cinematográficas para serem trabalhadas como ponto de partida para o que ele comprehende como “método-experiência” nas aulas de filosofia, já que os filmes contêm um teor pedagógico capaz de impactar, sensibilizar e, principalmente, de oportunizar discussões e questionamentos acerca dos conteúdos representados nos seus enredos e temáticas.

Neste trabalho, temos o objetivo de apresentar o Cinema como um meio possível de ensino filosófico, baseando-se não em análises textuais, mas nas vivências obtidas através do Cinema. Discorremos, desse modo, sobre uma proposta de metodologia de ensino, cuja função seja ocasionar a construção do pensamento autônomo e do posicionamento dos educandos em relação aos problemas sociais, econômicos, morais, assim como em relação às situações dos seus cotidianos. Acreditamos que o “método-experiência” de Cabrera surge como uma solução alternativa para mudar o cenário da Educação tradicional, em que os estudantes, em vez de serem operantes, construtores e comunicadores do seu saber, passam a ser meros espectadores do conhecimento alheio.

2 ENSINO TRADICIONAL

Atualmente, no século XXI, percebemos como o processo educacional pensa a figura do pedagogo, entendido como único detentor dos conhecimentos. Figura central de todo o processo ensino e aprendizagem, o docente se realiza narrando e apresentando os conteúdos didáticos a serem trabalhados. Este modelo tradicional de ensino de modo algum trabalha as vivências dos educandos. Muitas vezes, o sentido e importância de determinadas obras são debatidas de maneira sintética, e prevalece nesse meio o estudo que consiste em comentários e interpretações. Os educandos atuam no papel de “memorandos”, em outros termos, testemunhas, ouvintes no processo de ensino e aprendizagem, assim como bancários. Na mesma linha de pensamento, o educador Paulo Freire definiu a educação bancária ao dizer que:

A educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (Freire, 1987, p. 33).

Logo, Freire percebe os preponderantes aprendizados dedicados aos estudantes como sendo investigações de épocas e circunstâncias sociais, históricas, políticas, dentre outras, mas distintas das complexidades e das vivências dos educandos. Dessa forma, faz deles receptores de conteúdos sem significados, sem que se sejam capazes de assimilar o seu sentido. Dessa maneira, o modelo de ensino tradicional suscita nos educando uma relação externa, na qual o indivíduo contém o

entendimento de temáticas, e só de maneira superficial comprehende o seu significado. Em outros termos, os educandos não exercem um pensamento reflexivo e crítico, assim como não exercem o exercício da argumentação sobre as situações e informações que os cercam. Segundo Mizukami, o método de ensino tradicional imposto pensa a relação “educação e educando” de jeito impreciso, *grosso modo*, de um ponto de vista de dominação, em que os acadêmicos atuantes nos papéis de observadores de nenhum modo empenham-se no processo de obter conhecimentos. Ele analisa que:

Parte-se do pressuposto de que a inteligência seja uma faculdade capaz de acumular/armazenar informações. Aos alunos são apresentados somente os resultados desse processo, para que sejam armazenados. Evidencia-se o caráter cumulativo do conhecimento humano, adquirido pelo indivíduo por meio de transmissão, de onde se supõe o papel importante da educação formal e da instituição escolar. Atribui-se ao sujeito um papel insignificante na elaboração e aquisição do conhecimento. Ao indivíduo que está adquirindo conhecimento compete memorizar definições [...] sínteses e resumos que lhes são oferecidos no processo de educação formal (Mizukami, 1986, p.11).

Portanto, os estudantes não conseguem ter a possibilidade de problematizar as temáticas, pois “Não há criatividade, não há transformação, não há saber” (Freire, 1987, p.33). Logo, faz-se imprescindível seguirmos um outro caminho. Os educandos precisam sair da posição arbitrária, cujas ideias sejam aplicadas com o desígnio de fazê-los situar-se com críticas e pensamentos autênticos, isto é, para que possam problematizar os objetos apresentados ao pensamento.

Ao referir-se ao ensino filosófico, percebemos certas fragilidades no moldes em que ele se efetiva. Haja vista que a filosofia nasce de diálogos, de debates e de questionamentos, a prática filosófica através do ensino tradicional ocasiona objeções ao efetivar o componente curricular filosofia, enfatizado em apresentar interpretações e comentários prontos acerca dos trabalhos dos pensadores estudados, como a discussão das obras de Descartes, David Hume, Thomas Hobbes, Kant e tantos outros filósofos importantes para a história da filosofia. A falta de comunicabilidade e expressividade por partes dos estudantes colaborara para a necessidade de se pensar a filosofia por outros mecanismos, métodos e modos, cujo exercício deste componente esteja direcionado para as provocações acerca dos variados aspectos da sociedade, visando a reflexão crítica e edificação do pensamento emancipado.

3 MÉTODOS DE FORMAÇÃO SEGUNDO JULIO CABRERA

Em vista dessa circunstância, encontramos nos estudos do pensador argentino Julio Cabrera uma possibilidade de pensar e fazer filosofia por de formas diversas, já que, para o autor, a filosofia se mantém no exercício da consciência crítica e tem um papel essencial na construção dos indivíduos como seres pensantes e sociais.

Cabrera, todavia, não estava interessado, particularmente, na discussão sobre transmitir e praticar os conteúdos filosóficos na Educação Básica. O autor inclina-se para a formação dos indivíduos em cursos superiores, criticando a falta de criatividade, estudos e visibilidades das produções de trabalhos autorais e originais. É nesse sentido que ele propõe dois métodos de formação em seu texto *Pensar insurgente: acerca da inconstância de um filosofar selvagem (Filosofia no Brasil numa perspectiva Latino- Americana)*¹: o “método-conhecimento” e o “método-experiência”. com o objetivo de classificar os paradigmas referentes e exercidos na formação em filosofia.

O primeiro método, intitulado “método-conhecimento”, diz respeito à prática pedagógica resumida a leituras de textos, comentários e observações dos problemas já existentes Neste método, o conhecimento filosófico transmitido baseia-se em examinar os estudos dos pensadores e os motivos influenciadores de seus trabalhos. Embora essas obras sejam importantes para entendermos as circunstâncias históricas do pensamento, e apesar da gama abrangente de temáticas, a forma como este modelo de educação é trabalhado para com os educandos pouco influencia a estimulação do pensamento autônomo. Muitas vezes, o preparo para compreender e discutir as obras textuais é inexistente. Tratando-se do ensino de filosofia, percebemos certas debilidades, já que a filosofia não se realiza em isolamento. Não há filosofia sem diálogos e, por sequência, sem questionamentos. Predominam, neste caso, estudos da tradição filosófica, mas não a prática da filosofia, conforme ressaltou Palácios:

O ensinar a filosofar só pode consistir num levar os estudantes aos problemas. Isto é: levá-los a lidar, eles próprios, com os diversos problemas que têm aparecido na história da filosofia, permitindo que se posicionem das várias formas como é possível fazê-lo no que diz respeito ao enfoque, ao tratamento do problema, à possibilidade ou impossibilidade de suas soluções, à pertinência do próprio problema etc. Ora, isso será muito difícil, obviamente,

¹ Trata-se de um trabalho publicado como apresentação a um dossiê temático publicado em periódico científico. Todavia, pela discussão que é feita e pelo modo como o autor organiza os trabalhos, percebemos que foi um texto pensado para publicação em forma de livro. Por essa razão que nós iremos dar uma importância grande a tais discussões.

se nós próprios não nos tivéssemos já posicionado sobre tais problemas ou se não tivéssemos outros problemas para propor. A experiência teórica é o solo condicionante, e a vasta experiência filosófica é um terreno mais do que rico para provocar a reflexão filosófica dos estudantes (Palácios, 2007, p.86).

Logo, entendemos a relevância de exercermos atividades filosóficas. Ao dirigir-se esta concepção de Palácios sobre a prática filosófica para o ambiente escolar, percebemos sua magnitude na vida estudantil, visto que possibilita aos estudantes se posicionarem. Entretanto, o método de ensino advindo do tradicional, paralelo ao “método-conhecimento”, prevê uma educação passiva, sem processo. A presença impassível dos estudantes nesse contexto perpetua-se pela falta de compreensão da importância desse componente curricular para a vida social. O emprego do ensino acontece através dos discursos e ponderações acerca das ideias dos pensadores importantes da tradição filosófica. Assim sendo, o processo de educação, ao pensarmos na relação aluno e aprendizado, negligencia as vivências e saberes prévios dos educandos, com o objetivo de os moldarem e os tornarem competentes para viverem em sociedade.

4 UMA POSSIBILIDADE DE TRABALHO COM O “MÉTODO-EXPERIÊNCIA”

Em vista disso, pensamos em dispor de outro método desenvolvido por Cabrera, com a expectativa de trabalhar o ensino filosófico por outras vertentes. Surge, como contrapartida ao modelo anterior, o “método-experiência”. Ele pressupõe a necessidade de se partir das vivências particulares para formação de ideias e pesquisas, de forma bastante diferente em relação ao seu contraponto. No caso, faz-se imprescindível vivenciar para entender, conforme ressaltou o seu proponente:

Chamarei ao primeiro método-conhecimento, e ao segundo, método-experiência. Para o primeiro, valem mais os sólidos e profundos conhecimentos de filosofia que se tenham; para o segundo, valem mais as experiências filosóficas que se vivam. O primeiro método aposta muito numa tradição de problemas já dados, enquanto o segundo tende a considerar como filosóficas as questões mais diversas, mesmo as cotidiana (Cabrera, 2015, p. 40).

Logo, vimos no segundo método proposto por Cabrera caminhos para ministrar ensinos mais produtivos, quer dizer, com a participação ativa do educando. Este método, se praticado no ensino escolar, tem a tendência a proporcionar discussões decorrentes das experiências adquiridas pelos envolvidos, fazê-los se posicionarem

através das críticas, de posicionamentos autênticos, tal como enxergar as situações e as temáticas através das experiências passadas. Os educandos necessitam sair das posições casuais, ou seja, de apenas ouvir, ver e concordar. Faz-se fundamental reconsiderar artifícios pedagógicos, em que as experiências estejam direcionadas ao sentir, vivenciar, negar ou afirmar. Dessa forma, o problema filosófico será realmente compreendido, e poderá proporcionar a perspectiva que defende Julio Cabrera em estudo anterior, ao dizer que:

Para se apropriar de um problema filosófico, não é suficiente entendê-lo: também é preciso vivê-lo, senti-lo na pele, dramatizá-lo, sofrê-lo, padecê-lo, sentir-se ameaçado por ele, sentir que nossas bases habituais de sustentação são afetadas radicalmente. Se não for assim, mesmo quando entendemos plenamente o enunciado objetivo do problema, não teremos nos apropriado dele e não teremos realmente entendido (Cabrera, 2005, p.7).

Deste modo, para que se possa efetivar o que defendeu o autor, pensamos no “método-experiência”, partindo do pressuposto que os estudantes desenvolvam suas próprias teorias acerca dos conteúdos debatidos, como temáticas sobre humanidade, direitos humanos, crenças, culturas, ideologias, alienação e dentre outras características do mundo social.

Diante disso, como este modelo de ensino tenciona a experiência, surgiu um grande problema: de que forma “proporcionar uma experiência significativa” para os estudantes em sala de aula? Apesar de sabermos que cada um dos estudantes inseridos na escola provém de um universo próprio de vivências, é preciso pensarmos uma forma de tentar “canalizar” tudo isso em uma experiência mais ou menos comum entre todos os envolvidos, para que consigamos discutir e nos fazer entender. Pensamos que a melhor forma de conseguir isso seria através da “construção da experiência” através do cinema. Dessa forma, consideramos o cinema como um facilitador de uma experiência compartilhada, melhor dizendo, os filmes a serem explorados, debatidos, criticados e vivenciados em sala de aula, já que nas imagens cinematográficas há multiplicidades de ideias, no caso, multiplicidade de pontos de vistas sobre os valores humanos, o próprio homem e a natureza. O cinema, de tal modo, representa as totalidades das experiências vividas. Ao empregá-lo nas aulas, podemos abordar também as conexões com os temas filosóficos e as realidades nas quais os estudantes estão inseridos.

5 O CINEMA E O ENSINO

A arte contém em sua estrutura intentos pedagógicos. Por exemplo, músicas, teatros, novelas, filmes, dentre outras produções artísticas, salientam as complexidades das concepções humanas, cada vez mais aproximando os indivíduos aos fatos da realidade, bem como aos episódios históricos da sociedade. Ao praticar o “método-experiência” por meio da linguagem artística, e em conjunto com a filosofia, a metodologia de ensino prevê a ampliação das zonas de conhecimentos dos estudantes, e também o papel participativo e significativo no processo de ensino-aprendizagem.

As experiências obtidas, como também as opiniões e os novos conceitos produzidos, servem como pontos de reflexões para os debates. Embora os livros didáticos possuam uma gama diversificada de conhecimentos, os filmes conseguem atingir o imagético, a sensação, os sentimentos e a racionalidade dos estudantes, ao ocasionarem impactos por meio das representações ilustradas. Desse modo, o cinema permite que sejam trabalhadas em sala de aula as experiências dos educandos através da arte. Segundo Jaislan Monteiro (2017, p. 53), “A função pragmática e transformadora da arte [...] deve trazer intrínseca à sua estrutura narrativa o apego às questões reais e cotidianas”. Desta forma, percebemos como esta linguagem artística empenha-se a respeito das relações sociais e conhecimentos do mundo, criando alusões também às situações do nosso dia a dia.

Tratando-se da arte, e em específico do cinema, percebemos a importância da introdução desse mecanismo artístico na prática pedagógica, visto que abrangem multiplicidades de conhecimentos, sejam eles objetivos, subjetivos, realísticos, imaginários ou educativos. Dessa forma, fazem desse mecanismo um instrumento essencial nas instituições escolares, já que se realiza a sociabilização no ambiente. Os filmes, utilizados como recurso de comunicação e informação, perturbam o pensamento e a sensibilidade. Neste ponto, podemos questionar: como trabalhar filmes no processo de aquisição das temáticas filosóficas? Como classificar quais filmes são benéficos ou irrelevantes para a educação? será que todos os filmes possuem conceitos filosóficos?

A arte cinematográfica contêm teores educativos. Da mesma forma, é um meio de socialização, de encontros de ideias, tal como é um meio de fomentar questionamentos, similaridades e diálogos sobre os aspectos morais, ideológicos,

sociológico e filosófico, dentre outras temáticas, nas quais os filmes se debruçam em seu enredo.

Em vista disso, observamos, primeiramente, a concepção de Adhemar Oliveira, ao citar a importância do cinema utilizado como meio de ensino, presente nas aulas para apresentar de forma sintética ou abrangente os conteúdos didáticos. Neste momento, os filmes são presumidos como precursores do conhecimento ao suceder nas aulas um ensino através das observações, representações e linguagens simbólicas.

No primeiro ponto, o cinema é sempre compreendido como entretenimento e lazer, já no segundo, observamos que ele pode proporcionar aos estudantes a capacidade de aprender a ver e ler as imagens de forma reflexiva e analítica, uma vez que desenvolve um pensamento mais crítico, pois há filmes que nos forçam a pensar, enquanto contam histórias a serem compreendidas e as encenações dos personagens transportam-nos para outra realidade. Na segunda forma de compreensão do cinema, podemos considerá-lo como uma nova linguagem no processo de ensino-aprendizagem (Oliveira, 2019, p. 30).

Logo, os filmes explicitam as ocorrências do mundo global quando dão luz às adversidades, assim como quando salientam reflexões filosóficas, fazendo o educando sentir as situações encenadas, além de fazê-los exercer a criatividade e o pensamento crítico. De certo modo, a comunicação exposta através da linguagem cinematográfica precisa ser trabalhada corretamente se pretendermos trazer um ensino influenciador e transformador na vida dos estudantes. Uma educação por intermédio da arte impulsiona positivamente o intelecto dos acadêmicos. Assuntos como realismo, cultura, trabalho, condição humana, tecnologias, linguagens, a questão do bem e do mal, e tantas mais, são, de certa forma, elucidadas nas produções filmicas. Não se trata, porém, de analisar a linguagem, por exemplo, das roupas, das luzes e da posição da câmera, mas de como os conceitos feitos pelo cinema retratam e abordam em seu enredo pontos de reflexões, e até mesmo a própria filosofia. Tendo em vista a sua diversidade de horizontes, a “alma do cinema exige cada vez mais pensamento” (Deleuze, 1985, p. 230).

6 O CINEMA E A FILOSOFIA

A partir do que foi dito, podemos pensar alguns exemplos de utilização de obras cinematográficas para o ensino de filosofia. As possibilidades são inúmeras. As escolhas das obras serão sempre determinadas pelos objetivos a serem buscados e pelas particularidades de cada turma em que serão exibidas. O nosso intuito é somente apresentar algumas possibilidades, conforme as linhas seguintes.

No filme (2001) “Bicho de sete cabeças”, notamos como o cinema utiliza de sua linguagem para denunciar alguma coisa relacionada com o humano. Na trama, encontramos o personagem Neto, rapaz rebelde, incompreendido pelos pais que, após um incidente relacionado com drogas, foi internado em um manicômio por seus responsáveis, sem ao menos consultá-lo. Preso nesse ambiente, Neto percebe a dura realidade desumana, triste e precária das condições nas quais os pacientes são submetidos constantemente, como a falta de higiene e os castigos severos. Apesar de suas inúmeras tentativas, pois o sistema opressor permaneceu após a sua saída, Neto denunciava a instituição como um ambiente que não visava a saúde e a recuperação dos seus pacientes, mas a sua queda e destruição. Encontramos assim, nessa obra, o levantamento de problemáticas e situações diversas, tal como críticas às conjunturas presentes na sociedade, que acontecem cotidianamente, mas não recebem tanta importância.

Para Duarte (2002, p.17), “ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”. Portanto, filmes como este podem ser trabalhados nas aulas de filosofia para se inserirem nas temáticas e ilustrações sobre ética, moral, direitos humanos, sociedade, cultura materialista, humanismo, percepção do outro, dentre tantas outras. Embora cada estudante contenha pontos de vistas diversos, têm de ser trabalhadas as opiniões nas aulas, já que os filmes, tal como a filosofia, ocasionam o sentimento de espanto, de desvelamento. Melhor dizendo, o cinema é capaz de direcionar um novo olhar sobre os fatos decorridos.

Por essa perspectiva, encontramos este recurso pedagógico nas produções cinematográficas, nas quais procedem questionamentos, raciocínios e novos conceitos sobre as circunstâncias e temáticas visualizadas. Assim, percebemos os

filmes como instrumento fundamentais nas salas de aulas, conforme afirma Silva (2019, p. 19):

O cinema é um [método] importante para o desenvolvimento da aprendizagem, proporcionando aos estudantes o processo de experimentação, descobertas e invenções. Ampliar estas nossas capacidades é um dos desafios que o cinema vem nos colocar.

Além disso, de acordo com Cabrera, as produções filmicas são capazes de causar impactos na construção da racionalidade dos indivíduos, pois afirma:

O impacto emocional e a demonstratividade não distraem, mas conscientizam, não desviam a atenção, mas, pelo contrário, nos afundam numa realidade penosa ou problemática, como as palavras escritas talvez não consigam fazer. É preciso tentar ver o cinema fora dos quadros do escapismo para colocá-lo nos da reflexão (Cabrera, 2005, p. 32).

Logo, o cinema é uma fonte inesgotável de conhecimentos. Por meio dos filmes, compreendemos circunstâncias de maneiras substanciais. Sentir as situações encenadas é uma forma de entender e identificar tanto a si mesmo como ao outro. Para Fabris, as obras filmicas são uma experiência de visualizar a heterogeneidade que circundam os seres humanos, ao afirmar que “podemos entender essa experiência como uma viagem em que somos convidados a ir a diferentes lugares, a conhecer povos, línguas, costumes que se aproximam ou se distanciam das nossas experiências culturais” (2008, p. 119).

Dessa forma, o cinema nos traz a possibilidade de vivenciar experiências que devem ser trabalhadas nas aulas de filosofia, com o objetivo de termos um ensino produtivo, no qual envolve as ideias e vivências dos estudantes e os fazem interativos no processo de ensinar e aprender. Isso é pensado como uma forma de ultrapassar o papel passivo do educando no processo. Ao enxergar a importância da filosofia por meio das produções cinematográficas para a vida estudantil e social, Oliveira afirma:

Podemos observar que o encontro da filosofia com o cinema na educação ofereceria ao aluno-spectador um novo campo de experiência/experimentação. Desse modo, se os filmes só ganham existência quando direcionam um sujeito ao campo do pensamento, percebemos a grande potencialidade educacional presente nas produções cinematográficas, visto que estimulam a prática de pensar e criar novos conceitos (Oliveira, 2019, p.18).

Diante disso, o cinema se utiliza da imaginação e da sentimentalidade. Ele também representa os indivíduos, seus desejos, inclinações, sentimentos e

pensamentos. Sendo assim, o cinema possui a capacidade de sensibilizar os indivíduos, causando a impressão de realismo, isto é, ele é capaz de oportunizar quase como um “vivenciar os problemas”. Desse modo, os filmes proporcionam ter a consciência dos fatos que nos cercam, de maneira empática. Apesar de os espectadores explorarem os filmes com a influência de suas orientações morais, políticas e religiosas, a intimidade desenvolvida com os personagens, assim como os contextos representados, nos fazem refletir, persuadir e problematizar os acontecimentos tais quais ocorreram e sucedem-se no mundo.

Outra obra sobre a qual podemos discorrer se baseia no filme (2004) “I, robot”. Em síntese, o enredo apresenta uma época futurista do ano de 2035, em que máquinas exercem funções humanas, desde práticas domésticas a assistentes pessoais. Durante a trama, percebemos o autodescobrimento de um robô que alcança a racionalidade, conseguindo questionar e agir moralmente em face de situações de risco, além de sentir emoções. No filme, percebemos o julgamento da dependência constante do homem para a máquina. Assim sendo, várias questões – como inteligência artificial, condições de possibilidade do conhecimento, moral, ética, racionalismo ou empirismo – são percebidas como temáticas a serem trabalhadas, em conjunto com as ilustrações, cuja os benefícios são fundamentais na aulas de filosofia. Assim, prevalece outra característica marcante dos filmes, quando este recurso alude a situações aceitas como costumeiras ou habituais, apresentando uma sociedade familiarizada com a violência tanto física quanto psicológica.

Como vimos, a filosofia, assim como os filmes, desvelam algo do mundo. Notamos como a sétima arte possui influências acerca dos pensamentos, comportamentos e posicionamentos dos espectadores. Dessa maneira, como poderíamos empregar este mecanismo nas aulas?

7 PRÁTICA DOS FILMES NAS AULAS

Discutimos sobre a relevância do cinema como instrumento para o ensino, ainda mais se tratando de filosofia. Entretanto, o professor, ao utilizar este recurso, deve se atentar sobre a diferença entre o cinema entretenimento e o cinema educativo. É preciso que os filmes escolhidos perturbem e impulsionem o intelecto dos educandos. Ao ministrar as temáticas a serem debatidas, o docente tem que se utilizar das cenas filmicas de modo que a metodologia empregada esteja voltada para a

autonomia dos indivíduos. Não basta somente interpretar as imagens ou elaborar analogias referentes às cenas e temáticas filosóficas. Utilizado desse modo, estamos praticando o “método-conhecimento” com a utilização do cinema, no qual os estudantes permanecem no papel passivo de presenciadores.

Dessa maneira, seguindo o “método-experiência”, o emprego do cinema abre margem para um espaço de discussões, em que as ideias são debatidas. O intuito da sua utilização é oportunizar a participação ativa dos estudantes na construção do aprendizado, bem como trabalhar com as vivências do cotidiano, e proporcionar uma relação entre teoria e prática, entre o abstrato e o concreto.

Logo, o professor em primeiro momento deve abrir discussões sobre as temáticas que serão estudadas no semestre. Pode-se, por exemplo, apresentar perguntas como “o que é política?”, “o que é cultura?”, “Como acontece o processo de conhecer e racionalizar os objetos que nos cercam?”. Questionamentos como esses permitem ao professor conhecer o repertório de ideias exteriorizadas pelos estudantes. No segundo momento, o docente deve introduzir os filmes, cujo enredo deve apresentar similaridades com o ensino proposto, com a finalidade de provocar nos estudantes o interesse e o sentimento de vivenciar as circunstâncias apresentadas. Enfim, no terceiro momento é quando se procede o debate das problemáticas constatadas no filme, bem como os debates sobre as comparações com as vivências e os posicionamentos reflexivos e avaliativos. Dessa forma, ao empregar os seus próprios conhecimentos, os educandos estão participando ativamente na construção da relação de ensino e aprendizagem filosóficos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discorrer sobre as formas de ensino e formação da filosofia, pretendemos produzir nos estudantes o interesse pelo nosso componente pedagógico quando inserimos os filmes. A filosofia nos permite enxergar por outros olhos até situações cotidianas. Em vista dessa complexidade concebemos os filmes como forma de proporcionar experiências filosóficas, já que o cinema tem o potencial de conscientizar, sensibilizar e avaliar comportamentos sociais. *Grosso modo*, podemos dizer que vivenciamos um mundo distinto quando o assistimos.

A educação considera que o ensino nos moldes do modelo tradicional, isto é, transmissão de conhecimentos em que somente o professor trabalha as temáticas, de

modo algum influencia na vida estudantil, como nas questões de ética, política, tipos de conhecimentos, científicos, filosóficos, religiosos, culturais e tantos mais. Logo, os aprendizados particulares são negligenciados no processo de ensinar e aprender.

Em vista disso, com a introdução dos filmes, cenas e/ou curtas-metragens, os educandos, bem como o professor, vivem uma experiência filosófica, ou seja, uma experiência de filosofar frente às temáticas discutidas, quando se debruçam sobre o seu repertório de referências. Portanto, o cinema, como ferramenta para o ensino, faz-se fundamental. O emprego do cinema nas aulas de filosofia tem o intuito de ocasionar a participação funcional e produtiva dos educandos, através das interações e conexidade do conhecimento com as vivências. Com isso, há uma possibilidade de exceder a “educação bancária” e concretizar ensinos significativos, que suscitem o pensamento crítico e autônomo dos educandos.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS PRIMÁRIAS

CABRERA, Julio. **O cinema pensa:** uma introdução à filosofia através dos filmes. Brasília, editora Rocco, 2005.

CABRERA, Julio. Pensar insurgente: acerca da inconstância de um filosofar selvagem. **Problemata:** Revista internacional de Filosofia. João Pessoa, v. 6, n.1, p. 5-47, ago.2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/24240>. Acesso em: 01 jun. 2024.

REFERÊNCIAS SECUNDÁRIAS

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1:** imagem-movimento. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FABRIS, Elí Henn. Cinema e educação: Um caminho metodológico. **Educação e realidade.** [S.I.], v. 33, n. 1, p. 117-133, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v33n01/v33n01a10.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

MIZUKAMI, M. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: Epu, 1986.

MONTEIRO, Jaislan. **Arte como experiência:** cinema, intertextualidade e produção de sentidos. 2. ed. Teresina: Edufpi, 2017.

OLIVEIRA, Adhemar. **Pedagogia do conceito e pedagogia da percepção: Filosofia e cinema na prática de ensino de Filosofia.** Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros, 2019. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/644820/2/UNIMONTES-AdhemarOliveira-Turma2017-2019.pdf>. Acesso em 17 maio 2024.

PALÁCIOS, Gonzalo. Ensina-se filosofar, filosofando. **Philósophos.** Goiânia, v. 12, n. 1, p. 86, jan./jun., 2007. Disponível: <https://revistas.ufg.br/index.php/philosophos/article/view/3505>. Acesso em: 17 mai. 2024.

SILVA, Deleon. **O uso do cinema na escola:** a construção de aprendizagens a partir dos filmes. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, Patos, 2019.

FILMES:

BICHO de sete cabeças. Direção: Laís Bodanzky. Produção: Sara Silveira. Brasil: Columbia tristar rio filme, 2001.

I, robot. Direção: Alex Proyas. Produção: John Davis. Estados Unidos: 20th century fox, 2004.